

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. o n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1167	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	\$120	30 de Maio de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Para se comprehender as razões e os motivos que justificam a separação da Igreja do Estado, é imprescindível conhecer as circumstancias em que o primeiro contacto de aproximação se deu e os elementos modificativos que através do tempo foram perturbando a transitoria harmonia existente entre os dois elementos sociaes em contacto.

D'estas considerações resulta a necessidade de fazer uma synthese historica, embora muito resumida, da vida dessas relações.

A chronica é avessa a todas as exhibições de erudição, que resulta quasi sempre espectacular e vasia, e as poucas palavras em que vae resumir o assumpto, d'ellas se serve apenas por entender que têm na sua generalidade interesse para a comprehensão do problema, para o qual se busca uma solução caracterisadamente nacional.

Com o imperador Constantino e com a adopção do signal da cruz nos estandartes romanos dá-se a união da Igreja com o Estado. Como a principio essa união traduzia um acto de tolerancia e favor por parte do Estado, a Igreja occupou consequentemente uma situação de subalternidade e dependencia. O Estado arrogou-se o papel de protector e como toda a protecção implica sujeição, necessariamente a Igreja teve de conservar-se em uma situação de existencia precaria e sujeita a todas as incertezas das contingencias.

Com a diversidade das condições em que nos varios meios e civilizações a aproximação se deu, tinha de coincidir a diversidade de relações estabelecidas. Emquanto a igreja grega foi sempre dominada pelo Estado, mesmo na sua religião e disciplina, a igreja latina conseguiu furtar-se ao poderio do estado e adquiriu até com o tempo dominio sobre os povos e sobre os principes.

A origem desse dominio proveio do regimen

feudal, pela pulverisação do poder dos senhores e pelo gradual desaparecimento do Estado ou, pelo menos, pelo seu accentuado enfraquecimento.

Este desaparecimento do Estado corresponde a uma ausencia de poder capaz de dominar. E tal ausencia é astuciosamente aproveitada pela Igreja, que a utiliza para se substituir ao poder, empregando como armas do seu triumpho a superioridade moral e intellectual da sua milicia que são, a esse tempo, indiscutivelmente superiores á moral e intelligencia dissolvida e deprimida do esparso poder feudal. Uma tal situação

de dominio artificial tinha de ser, e foi, necessariamente transitoria.

O Estado implica idéa de soberania, independencia, e a lucta pela sua reconquista tinha de dar lugar, como deu, ao combate entre o papado e a realza e á lucta entre o clero e o poder civil. Triumphou o espirito laico e o Estado retomou, por isso, de novo, a sua situação de protector. Subordinada de novo a Igreja, nessa situação de dependencia se tem conservado até ao seculo actual.

O que apressou principalmente a victoria do poder civil foi a revolução religiosa do seculo xvi, conhecida pela Reforma.

A situação de dependencia occupada pela Igreja revertia para o espirito de oppressão affrontosa. Para esses o regimen de união é considerado como um quasi sacrilegio, representando a separação, pelo acabamento desse regimen de artificio, o regresso á verdade primitiva e constituindo, por isso, um principio fundamental e indispensavel para a vida livre e digna da religião e da crença.

Vê-se assim que a proclamação do principio da separação e a reclamação dessa medida são feitas não pelo Estado com caracter imperativo, mas pelos proprios crentes de fé pura e orthodoxia perfeita, os quaes comprehenderam que o unico campo de liberdade que lhes cabia era aquelle em que se estabelecem as relações e se exerce o dominio de Deus sobre o dominio do espirito.

A pretensão por parte do poder temporal de exercer dominio sobre o campo inatingivel da fé pessoal representa uma chimera tão irrealizavel como o dos sectarios intolerantes, que se dizem catholicos, mas são na realidade ultramontanos, e que defendem o principio da supremacia do espirital sobre o poder temporal.

Olhando mais concretamente o assumpto pelo que diz respeito ao nosso paiz e pela execução da lei promulgada pelo primeiro governo da Republica, demonstra-se facilmente que as condições da chamada questão religiosa no nosso paiz são diversas das que

Exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes



O MEU MODELO — Luciano Freire

Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes

se têm observado, em momentos de conflicto, em outras nações, sobretudo por virtude de um elemento de importancia capital que entre nós se verifica e que ha portanto que accrescentar a todas as outras razões que prendem com a dignidade da crença e com a sua propria emancipação e liberdade.

E' que a separação, em Portugal, está já feita de ha muito no interior de todas as consciencias rectas e sinceras. Esta é a verdade.

A pretendida identificação do espirito religioso do paiz com o principio do romanismo é uma astuciosa mentira para procurar impedir ou, pelo menos, dificultar o conseguimento definitivo das aspirações da consciencia collectiva. Essa mentira provem do erro de confundir o significado da palavra Estado com o significado das palavras—povo e nação. E no entretanto em nenhum outro paiz taes expressões foram jámais tão irreductivelmente antagonicas como entre nós: o Estado nunca foi a representação da soberania nacional, porque foi sempre o seu usurpador.

Português aqui e romano em Roma — são palavras que não cabem na concepção moral, social e civica de um povo que timbrou sempre em afirmar zelosamente a sua nacionalidade, a dentro das fronteiras do seu paiz e em toda a parte do mundo.

Destas condições especiaes resulta que a lei da separação não encontra hostilidade senão por parte do clero português.

Todavia Lameunais, fervoroso padre christão e catholico, foi o primeiro defensor da separação da Igreja do Estado. A' fé pura desse sincero crente repugnava todo o conumbio de duas instituições tão fundamentalmente diversas.

Quaesquer imposições que surjam, portanto, serão meramente postizas e artificiaes. Ellas serão na realidade instigadas por aquelles que a Republica teve a coragem de expulsar para todo o sempre do seu territorio.

Em face dos crenes o Estado conserva-se numa attitude de conciliação e harmonia. A obra da separação não é de hostilidade e de ataque, mas ao contrario uma obra de exclusivos intuitos de paz.

Em frente, porém, dos elementos do ultramontanismo que procuram, para defesa dos seus interesses, embaraçar a execução de uma das mais absorventes reclamações da consciencia collectiva, já a attitude do Estado tem de ser bem diversa. Não é já com crenças dignas de respeito e acatamento que o Estado se defronta, mas com o abuso da ingenuidade e da frescura das almas simples que elle tem de haver-se.

Uma dolorosa experiencia do passado faz-nos bem sentir a esmagadora asphyxia em que aqui se estava vivendo. Refere-se a chronica ao dominio da inquisição em Portugal.

Quantas scenas de prostituição e crimes commettidos em nome de Deus para acorrentar os interesses materiaes do throno e do papado, concluidos para a extorsão dos bens accumulados pelos judeus. Quantos horribes episodios, que ainda hoje nos confrangem, fazendo-nos aspirar, como se agora fossem, os fetidos das carnes queimadas e tremer ao dilacerante gemido dos torturados!

A lei da separação vae mais para o futuro das crianças ainda no berço do que para a conquista de uma melhor situação para a geração actual.

Lembre-mos todos nós, os homens que trabalhamos pelo nobre estimulo de garantir á boca de nossas mulheres e nossos filhos um honrado pedaço de pão, lembrem-se aquellas que são as educadoras do futuro, que na amoravel e materna influencia que exercem sobre os espiritos infantis põem todo o carinho e nergia; lembrem-se aquellas que pelo sacrificio do amor não hesitam de ir até junto da morte para de lá nos atirarem á existencia entre soffrimentos e dores. Lembremo-nos todos da terra que semeamos agora regando-a com as nossas lagrimas e fecundando-a com o esforço do nosso braço e do nosso sacrificio não será para nós que ha de produzir as douradas e promettedoras searas de que sahirá o grão alvo e resgatante do espirito, mas que o seu trigo sagrado ha de alimentar as gerações de amanhã para que ellas sejam capazes de redimir e resgatar com a sua razão liberta e emancipada todos os erros, todas as culpas e todos os crimes do passado...

JOÃO PRUDENCIO.



Os homens quando se encontram falam de arte, de dinheiro, de jogos e de mulheres; as mulheres... falam das outras.

Deveria ter sido um dos numeros do programa das diversões oferecidas aos congressistas estrangeiros do *Turismo*, uma visita á Exposição da Sociedade de Belas-Artes, não o digo por que os visitantes estrangeiros tivessem de extasiar-se ante maravilhas da Arte como nos museus da Italia, no Louvre ou de Madrid, que é ainda terra dos grandes pintores, mas por que teriam ocasião de verificar, apesar de tudo, que em Portugal a sublime arte de Rubens e de Miguel Angelo, tem, no presente, cultores que não a envergonham, como os teve em todos os tempos. Ainda ultimamente, a proposito dos quadros de São Vicente, restaurados com tanta proficiencia por Luciano Freire, as revistas de arte, como a *Gazette des Beaux Arts*, *Revue de l'Art Ancienne et Moderne*, *Burhugton Magazine*, dedicam especiaes artigos firmados por Berteaux, Justi e Houft, a esses maravilhosos quadros, reconhecendo uma escola portuguesa de pintura de notaveis tradições de Arte neste país.

Isto se póde hoje afirmar pela restauração dos quadros de Nuno Gonçalves, pintor português do xv seculo, como, por ventura, vem esclarecer a lenda sobre Vasco Fernandes, ou Grão Vasco, pintor tambem português do seculo xvi.

Emfim, Portugal não é um país de barbaros como ignaramente lá fóra o terão julgado com respeito á Arte, e agora, que por atacado nos visitaram uns mil e quinhentos estrangeiros, elles poderiam comprovar quam errados são os juizos que sobre este país, correm mundo.

Que muitas dessas más impressões se desfizeram, dão testemunho os congressistas que nos visitaram, em suas correspondencias e noticias na imprensa estrangeira. Quanto seria, pois, agradavel o encontrar-se nessas correspondencias alguma referencia á Exposição, se elles a tivessem visitado!

Não seriam, por ventura, esses congressistas uns cultores ou amadores de arte, cujo voto autorisado decidisse do valor das obras expostas, mas seguramente seriam pessoas educadas em centros de mais adelantada civilização do que o nosso e, por isso, mais aptas a apreciar essas obras, de que levariam boa impressão.

A Exposição, creio, se preparou para esse fim com uma boa parte dos melhores trabalhos de nossos artistas modernos, numa exhibição de arte contemporanea.

E' assim que ali se apresentam obras já conhecidas de outras exposições e consagradas pela critica, como *Os bebedos*, de Malhó, quadro que já faz parte do Museu Nacional de Belas-Artes, assim como o de *Uma feira*, de Carlos Reis (1). Varios retratos pintados por Salgado, o seu conhecido quadro *Igreja abandonada* (2) e um magnifico nu, intitulado *Nubil*, que pela primeira vez vi e é de uma frescura e mimo inexciveis, notando apenas os pés da figura não corresponderem em tamanho e viço á graciosa púbere a que pertencem.

No genero retratos, Carlos Reis apresenta entre alguns já apreciados em anteriores certamens, outros agora feitos e que não demerem dos creditos adquiridos por este professor; as suas paisagens são deliciosas, como a de *Um canto da Alameda*.

Um retrato ha a notar em competencia com os dos mestres e é o que tem o n.º 25 do catalogo, *Retrato de meu pae*, pintado pela sr.ª D. Zoé Wauthélet, discipula de Malhó e de Salgado. Esta pintura é de uma execução irreprezível, apresentando a figura com aquella vida e verdade que o publico sumariamente critica com estas palavras: «Só lhe falta falar.»

Luciano Freire, cuja ausencia se tem sentido nas ultimas exposições, aparece nesta com o seu belo quadro *Perfume dos Campos*, que exhibiu numa das ultimas exposições a que concorreu, e que é uma inspirada composição simbolica de um poeta moderno fixada com rara felicidade na tela. Do mesmo professor são dois quadros novos, *O meu modelo* e *Bucolismo faceto*, ambos muito apreciaveis e, a meu vêr, o primeiro destes é uma bela pintura, cheia de verdade, tão corrêta no desenho como proficiente na execução.

Do grupo de artistas da Sociedade *Silva Porto*, ali concorrem Alves Cardoso, Frederico Ayres, Falcão Trigoso, Antonio Saude e Abel Santos,

cujos quadros ha pouco figuraram na exposição daquella Sociedade. Entretanto, Alves Cardoso apresenta agora um novo quadro, *Uma lição antes da festa*, que atrae os visitantes, na segunda sala. Este quadro é bem portuguez nos seus tipos e até na cachopita bastante tiszada do sol, recebendo a lição da velha avó, que parece lhe está ensinando a fiar. O seu quadro, *Poente*, que já figurou noutra exposição e agora pertence ao sr. Carlos Seixas, é um belo pedaço de pintura dando perfeita impressão da hora melancolica em que o sol vae mergulhando no seu ócaso.

Condeixa apresenta uns quatro quadros com toda a mestria do pincel e toda a correção do seu desenho irreprezível. O seu quadro, *Mar bravo*, é de efeito verdadeiro como poucas vezes tenho visto realizado na tela.

Ribeiro Junior expõe varios retratos, em que muito se distingue, e dos mais quadros que exhibe merece especial menção, *Trabalhando e Oleiro*, respetivamente duas oficinas de serralheiro e olaria, genero que este artista prefere e em que afirma boa observação que traduz com felicidade. Os efeitos de luz são exatos como a perspectiva a par da correção do desenho. No quadro, *Oleiro*, achei o operario muito barrado, dominando em demasia a nota verde.

E, seguindo as notas que tomei, encontro na coleção de quadros expostos por Falcão Trigoso, um que me parece pela primeira vez vir a publico, *Costa do Algarve*. Não ha duvida que é um belo trecho da linda costa daquella provincia, que o artista conhece de perto, porque ali vive e sente todas as suas belesas. Este trecho é da barra de Lagos; o efeito é quasi fantastico produzido pela luz ardente do sol, nos rochedos e nas aguas; a pintura tem larguesa, tem ar, tem cor, que é quanto os olhos possam vêr. Este quadro foi adquirido pela Academia para o Museu Nacional.

Não desmancham o belo conjunto desta exposição mais alguns quadros já conhecidos, como os de David de Mello, e os de José de Brito, pintor portuense, que apresenta, *A Cosinha do sr. Abade*, de fatura larga e de sobriedade de colorido, onde os olhos repousam serenamente, na moçila depenando o galo para a seia do patrão, que ao fundo do quadro dirige para ella os seus olhares, por ventura, distraidos do breviario companheiro das horas de oração. A composição é um tanto confusa.

E já que falámos de um artista portuense, não deixarei de mencionar um quadrinho que se me deparou logo á entrada da primeira sala. E' de uma discipula da Escola de Belas-Artes do Porto, a sr.ª D. Margarida Costa. O quadrinho intitula-se *Horas Alegres* e é de uma frescura e prontidão de pincel admiraveis; muito simples na composição — uma mulher a estender roupa no quintal florido — essa mesma simplicidade cativa pelo agradável da figura de uma rapariga formosa, muito naturalmente fixada na tela. O braço estendendo a roupa pareceu-me um tanto comprido, mas se lhe noto este defeito é pelo muito que o quadro me prendeu.

Não posso deter-me em muitos outros quadros de novos e de amadores, que, por ventura, aguardam critica, que aliaz não pretendo fazer. Se fóra a mencionar todas as obras que se apresentam na exposição, não me chegaria o espaço permitido, e acima disse já que essas obras não desmancham o belo conjunto.

Passando á esculptura, em que temos notaveis artistas, vi com tristeza que poucos ali concorreram. Costa Motta só apresenta de novo o medelo em gesso para um bronze, *Cavador*. E' um bom pensamento, bem esteriorizado no modelo, de escorso bem realizado, que mostra facilidade no manejo da figura. E' obra de mestre. De Simões de Almeida, sobrinho, merece especial menção a sua estatua, *Despertar*, entre outros trabalhos apreciaveis que apresenta. São para notar os trabalhos do sr. João Silva, especialmente o baixo-relevo *Les funerailles d'Atala*.

Em desenho a pastel, tres são os expositores: sr.ª D. Anna Emilia de Aguiar Carneiro, D. Maria José Simões de Almeida Margiochi e o sr. João Guilherme Mattoso da Fonseca. Este genero está tendo bons amadores como os que se apresentam nesta exposição.

Na aguarella, o sr. Alves de Sá ocupa o mais distinto logar como o prova nas onze aguarellas que expõe e de que não sei qual preferir. Apreciaveis são tambem neste genero os trabalhos apresentados pelos srs. Casanova, Hygino de Mendonça, M.ª Mily Possoz e Adolf Wissó.

(1) Vide Suplemento ao n.º 1152 do OCCIDENTE de 30 de dezembro de 1910.

(2) Quadro pintado em 1891 com o titulo *Velhice* e reproduzido no OCCIDENTE a pag. 84 do vol. XIV, n.º 443.

Varios são os expositores de desenhos, em que se contam os srs. Alves Cardoso, Franco de Sousa, Soares, Alfredo Migueis, Joaquim Porfirio, Fonseca Martinho, etc.

A caricatura também está representada, e com bastante espirito, principalmente pelo sr. Emmerico Nunes.

Em arte aplicada, ocupam o primeiro lugar os esmaltes do sr. Artur Lobo de Avila, havendo ainda trabalhos da sr.^a D. Maria Poças Leitão e do sr. José Emygdio Maior, muito para apreciar.

CAETANO ALBERTO.



Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Buenos Ayres a Punta Arenas

Por um mal entendido só appareceu ao meio dia de 15 o pratico que fôra requisitado para as 9 horas da manhã. Com o auxilio de dois rebocadores, demos volta e sahimos do porto interior pelas 12 h. e 30 m. Pouco depois largámos os rebocadores, ás 2 h. e 30 m. sahia o pratico do porto interior e começávamos a navegar pelo canal. Entendemos dever dispensar o pratico do canal exterior, no que houve vantagem para a instrucção dos officiaes e se fez uma economia de 10 libras para a Fazenda. A's 9 h. e 30 m. da noite, ao mesmo tempo que o paquete *Cap Blanco* da companhia Hamburg Amerika, sahimos do canal de Buenos-Ayres e dirigimos-nos para o sul, navegando ao longo da costa. Na manhã de 16 começou a soprar SW. fresco pela prôa. A's 9 h. e 30 m. viu-se terra por EB. Navegámos em direcção ao Mar de Plata, a praia elegante onde actualmente está a gente mais importante de Buenos-Ayres e onde tencionavamos fundear. Infelizmente ás 4 h. e 45 m., quando perto do ancoradouro, verificámos que o tempo não estava capaz e corria muito mar á praia tornando difficil senão impossivel o desembarque. Fizemos signal que, em virtude do estado do tempo, seguíamos para Punta Arenas, signal que nos foi reconhecido pelo couraçado *Almirante Brown* que estava fundeado. Pouco depois este guarda-costas suspendeu ferro e pelo telegrapho sem fios communicou que não podia transmittir ali o meu signal para terra mas que o faria de Camarones. Seguiram também em direcção á Bahia Blanca dois navios de guerra menores, os couraçados *Libertad e Independencia*, um dos quaes nos fez por meio de bandeiras signal de boa viagem, que agradecemos. A's 5 h. e 15 m. estivamos novamente a caminho do Estreito de Magalhães. No dia 17 encontrámos tempo sujo SE. A's 6 da manhã estivamos em communicação telegraphica com o cruzador argentino *Buenos Ayres* que faz parte da esquadra em manobras, o qual nos disse que estava em communicação com os outros navios da esquadra e com a terra e que se punha á nossa disposição para qualquer despacho que quizessemos enviar. Agradecemos esta amavel offerta mas não nos aproveitámos d'ella por não haver novidade a bordo digna de communicação. Das 6 ás 10 da noite estivamos em communicação com o cruzador *de Julho*, trocando as nossas respectivas posições e sendo informados que aquelle cruzador não estava em Punta Arenas mas tem ordem de ali ir o couraçado *Almirante Brown* e os cruzadores *Patria e Patagonia*. Ao meio dia de 18 estivamos em 44° 21' Sul e 62° 41' de longitude W. Tinhamos nos até aqui approximado da terra como aconselham os roteiros para não encontrar muito amarelos os geraes de oeste ás vezes violentos. O vento porém continuava a soprar do quadrante SE. e no dia seguinte deviamos estar perto da costa. Por isso soltámos então o rumo para o Cabo das Virgens afim de não perder caminho. Ao meio dia trocámos as nossas posições com o cruzador *de Julho* que sabemos estava a 80 milhas e com o *Buenos Ayres* que fundeou em Camarones. A's 2 h. e 30 m. communicou connosco o couraçado *San Martin*, cujo commandante e officiaes nos faziam os seus cumprimentos. Retribuimos os cumprimentos que nos foram feitos.

Na manhã de 19 rondou o vento para o Norte augmentando pouco a pouco de intensidade. Ao meio dia e ás 2 h. e 45 m. trocámos as nossas posições com o cruzador *Buenos Ayres* que a esta ultima hora se achava 235 milhas afastado de nós e durante a noite interceptámos algumas communicações entre os navios argentinos. Na

manhã de 20 aproveitámos o bom estado do tempo para, antes de entrar no Estreito, compensar a agulha padrão cujos desvios, com a grande differença de latitude, tinham augmentado consideravelmente. Nas continuas mudanças de rumos a que ia ser obrigado, os grandes desvios podiam dar lugar a enganos que convinha o mais possivel evitar. Pouco antes do meio dia avistou-se o Cabo das Virgens pela prôa e antes da 1 hora, com uma forte corrente a favor, tinhamos entrado no Estreito descoberto ha 390 annos por Fernão de Magalhães.

Apesar de termos deixado dois homens doentes no Brazil e terem desertado 14 nas tres republicas que visitámos, ainda vamos a bordo 259 pessoas, ou sejam mais duas, do que o numero d'aquelles que em 1519 sahiram com Fernão de Magalhães, em cinco navios, de S. Lucar de Barameda para aqui.

A' 1 h. e 30 m. passámos uma milha ao Sul do farol de Dungeness, já territorio chileno. Resolvidos a aproveitar o mais possivel o lindo dia que estava, demos ordem para andar entre 13 a 14 milhas e assim conseguimos passar os First Narrows e quasi completamente de dia os Second Narrows. Anoiteceu-nos perto do cabo de S. Vicente e em uma noite de luar navegámos a demandar Punta Arenas onde fundeámos ás 10 horas da noite.

Em Buenos-Ayres foi-nos offerecido para a Escola Naval de Lisboa uma collecção de livros

que no Chili existem 72 % de analfabetos, no territorio de Magallanes só ha 20,33 %.

A principal industria do territorio de Magallanes é a criação de gado.

Em 1906 já havia no territorio 43,78 % de todo o gado do Chili, repartido da seguinte fórma: cavallar 24.010, bovino 37.804, ovino 1.874.560 cabeças.

Punta Arenas, porto franco e escala obrigada dos grandes vapores, que seguem para o Pacifico, tem um grande commercio por ser o centro d'onde em pequenos vapores se expedem e recebem mercadorias para os territorios chilenos e argentinos ao sul do 43° de latitude.

Em 1906 foi a importação 11.630.093 pezos
> > > > exportação 14.417.325 >

De Portugal apenas em 1906 se importaram mercadorias no valor de 40.994 pezos.

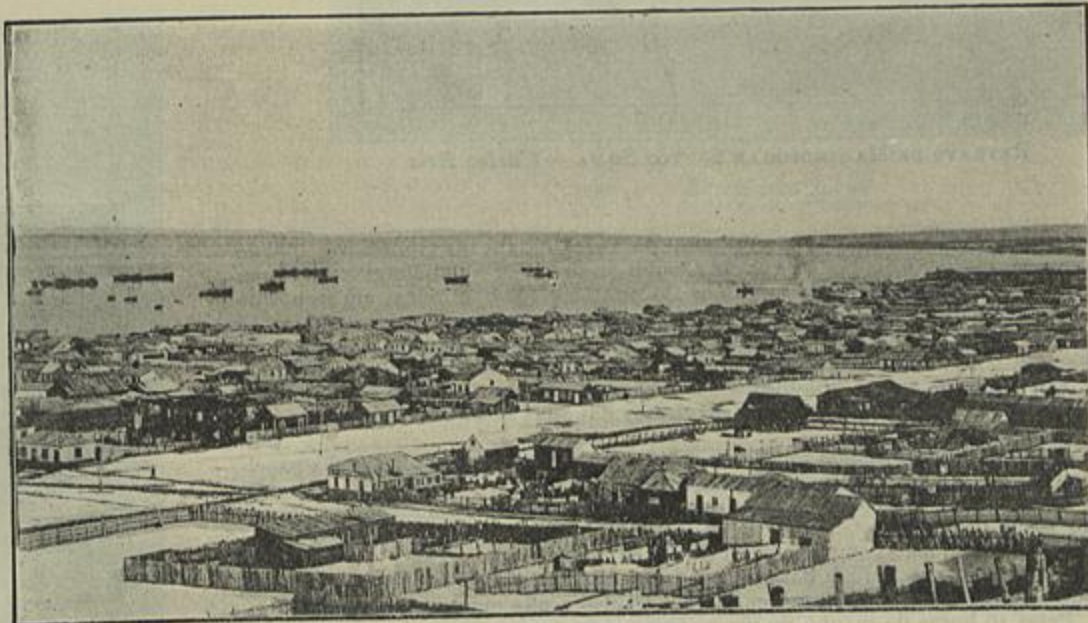
O movimento maritimo de Punta Arenas em 1906 foi:

Entradas... 969 navios com 1.193.555 toneladas
Sahidas.... 948 > > 2.390.903 >

O movimento de passageiros foi:

Entradas..... 8.690
Sahidas..... 6.197

Assim se explica o grande numero de hotéis que existem na cidade.



UMA VISTA DE PUNTA AREÑAS

que compõem o curso da Escola Naval de La Plata. Retribui com uma das collecções que a Liga Naval de Lisboa me encarregou de distribuir.

Ausentaram-se em Buenos-Ayres as praças seguintes: 2.º cosinheiro, n.º 2782, Antonio Viegas; 2.º artilheiro, n.º 4149, Henrique dos Santos Guerreiro; 2.º marinheiro, n.º 3985, José Dias e 2.º torpedeiro, n.º 4345, Joaquim Pinheiro.

Punta Arenas, capital do territorio de Magallanes, antigo presidio, e a cidade mais sul do Globo, é uma cidade florescente com mais de 10.000 habitantes e centro de todo o commercio e industria da America Austral.

O territorio de Magallanes, que como superficie constitue 22,65 % do territorio chileno, mede 162.438 kilometros quadrados de superficie (Portugal tem 92.000) e é quasi igual á republica do Uruguay que tem 178.700.

O augmento annual da população de Punta Arenas é muito notavel, tendo crescido de 1895 a 1906 de 157,42 %.

Ha muitos estrangeiros, por ordem decrescente: austro húngaros, inglezes, hespanhoes, italianos, etc. Portuguezes ha uns 60, a maioria de Cabo Verde, que constitue 0,30 % da população.

A grande emigração austriaca teve lugar em seguida, a 14 austriacos terem de dezembro de 1891 a fevereiro de 1892, extrahido da ilha Lennox em 27 dias de trabalho 115 kilogrammas de ouro.

Os serviços publicos estão bem administrados no territorio de Magallanes.

Com respeito á instrucção publica, ao passo

Na lavagem das areias dos rios do territorio de Magalhães tem-se encontrado ouro em papitas, mas estes jazigos estão muito espalhados, tem enriquecido alguns pesquisadores e arruinado bastantes companhias, que para cá tem enviado dragas e outros machinismos para a exploração em larga escala.

Perto da cidade em Loreto existe uma mina de carvão, que visitámos, d'onde se extrahem um carvão de má qualidade que se vende a 4\$000 réis a tonelada e serve para cosinha e aquecimento. O carvão inglez custa em Punta Arenas 15\$000 réis a tonelada.

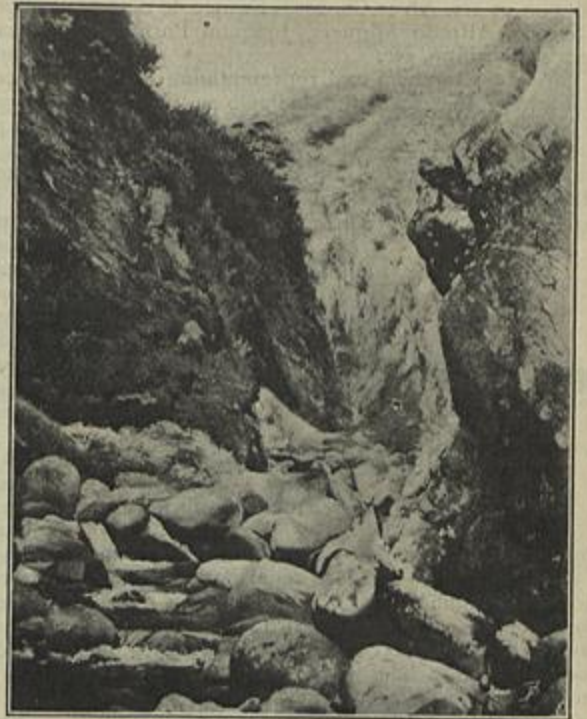
Tambem se tem explorado guano de Pinguins, chamado aqui pajaros niños (*Spheniscus Magellanicus*). Da ilha da Magdalena tiraram-se em 1873, 721 toneladas.

No dia 21 de fevereiro de manhã vieram cumprir-me o capitão de fragata Verdugo, director interino do Arsenal, da parte do Governador, um official do cruzador chileno *Errazuriz* agora empregado em trabalhos hydrographicos, o vice-consul de Portugal R. Corrêa e o sr. M. A. Brazil como representante da Colonia Portugueza. Retribui de tarde todas estas visitas e recebi do Governador as cartas e planos dos Canaes da Patagonia que o governo chileno me emprestára. De tarde recebi a visita do dr. Charcot ha pouco vindo das suas explorações ao polo sul no *Pourquoi Pas*. Chegou o paquete *Blucher*, vindo dos Estados-Unidos com excursionistas á Terra do Fogo e Estreito de Magalhães.

A's 6 h. e 30 m. da manhã do dia 22 suspen-



RETRATO DE MADEMOISELLE SANTOS SILVA — *Carlos Reis*



RIBEIRA DO INFERNO — *J. Porfirio*

demos e fomos atracar a um pontão de carvão da casa Blanchard, d'onde mettemos 130 toneladas de carvão Cardiff ao preço de 55 shillings a tonelada. A's 6 h. e 30 m. da tarde largámos do pontão e fomos fundear em frente do caes. A' noite fui com alguns officiaes e aspirantes a um baile que nos offereceu o vice-consul de Portugal, onde compareceu a primeira sociedade e corpo diplomatico de Punta Areñas. Terminou esta bonita festa ás 4 horas da manhã. Fômos feitos socios honorarios dos dois clubs de Punta Areñas, Magallanes e British Association, para nos servirmos das suas salas durante a nossa permanencia.

Durante a nossa estada em Punta Areñas mettemos agua do Arsenal amavelmente cedida pelo governo chileno.

Descobriu-se que por um furo da manga do veio de bombordo, que passa no paiol da polvora, entrava agua. Collocou-se um bujão de madeira e encheu-se o pequeno compartimento de cimento. Em todo o caso, este facto e o ter cahido a cabeça d'um parafuso de cobre que segura o forro exterior, indica que o fundo do navio começa em alguns pontos a não merecer confiança.

Pelas 10 horas da manhã do dia 23 foram para terra 40 praças acompanhadas d'um aspirante e d'um sargento, tomar parte n'uma festa que lhes foi offerecida pela Colonia Portugueza. Regressaram ao pôr do sol.

Convidei n'esse dia a almoçar o dr. Charcot a quem emprestei uma planta do porto de Montevideu que desejava.



LAVADOURO EM LOREL (CINTRA) — *J. Alves de Sá*



A COSINHA DO SR. ABADE — *José de Brito*



LES FUNERAILLES D'ATALA — *João da Silva*



CABEÇA DE VELHO — D. A. Lima Cruz



OLEIRO — J. N. Ribeiro Junior



NO JARDIM — H. Franco de Sousa

A's 3 horas da tarde recebi a visita do sr. Chaigneu, governador civil a quem á sahida dei uma salva de 13 tiros a que tinha direito.

No dia 24 realisou-se uma excursão á mina de Loreto offerecida aos officiaes do S. Gabriel pela Colonia Portugueza de Punta Areñas. Tomaram parte officiaes argentinos e francezes do *Pourquoi Pas*, vice-consul de Portugal e muitas senhoras.

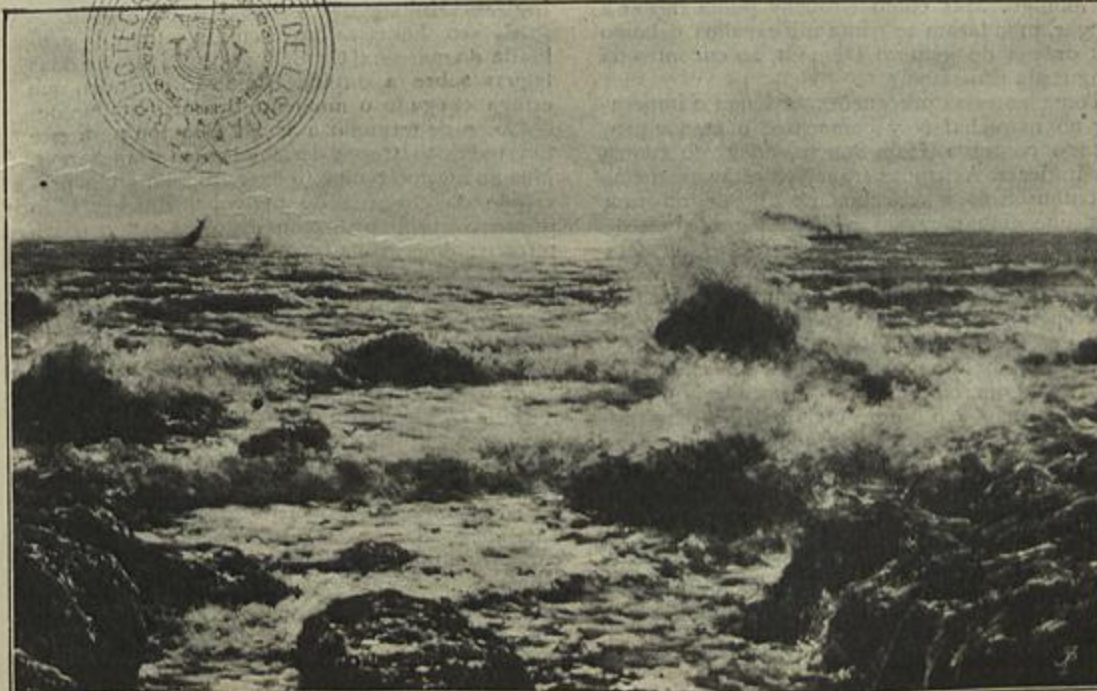
Seguimos para ali n'um pequeno comboio que faz o serviço da mina e lá foi offerecido um lunch a mais de 50 pessoas.

Ao anoitecer fundeou no porto o cruzador argentino *Patria* com quem trocámos cumprimentos por meio do telegrapho.

Tambem fundeou n'esse dia em Punta Areñas o paquete *Oronsa* do Pacifico, sahido de Lisboa em 2 de fevereiro, que trouxe correspondencia e nos leva mantimentos e sobreceletes para Valparaizo.

De Punta Areñas a Valparaizo, pelo Estreito de Magalhães e canaes da Patagonia, com escalas por Borja bay, Isthmus, Porto Bueno, Senoret e Eden.

A's 4 horas da manhã do dia 25 suspendemos e seguimos para o sul em direcção ao Cabo Froward, situado em 54°.54 de latitude Austral o ponto mais sul que este cruzador deve attingir na sua viagem.



MAR BRAVO — E. Condeixa



CAVADOR — A. A. Costa Motta

Dizem os roteiros que entre este Cabo e o Pacifico existe sempre, verão e inverno, o peor tempo que se conhece. Por isso não nos admirou que, á medida que nos approximavamos do Cabo, o tempo se transformasse pouco a pouco, adquirindo um aspecto que nos causaria receio, se não fossemos navegar n'um estreito. O aspecto do Estreito de Magalhães, pouco interessante até Punta Arenas, transforma-se de repente e adquire uma fórma grandiosa e imponente. Os montes aos dois lados do Estreito, com mais de mil metros de altura, estão todos cobertos de neve. Na parte baixa, uma vegetação luxuriante illuminada constantemente d'um modo variado nos intervallos dos aguaceiros, apresenta um lindo aspecto. No cimo e por detraz dos montes vêem-se no ceu todas as especies de nuvens desde os escuros Nimbus, cortados de vez em quando por um arco iris, até aos delgados Cirros Stratus sobre um ceu azul.

Com maré a favor, mandámos andar 12 milhas, de modo que a terra passa depressa por nós. Para quem vem de paizes quentes, os 7° centigrados e o vento fazem sentir frio e a agua que salta contra o costado congela-se cahindo no navio em pequenas pedras de gelo.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata

Waterloo

(Concluido do numero antecedente)

«No dia 18 pela manhã, depois de uma noite chuvosa e fria, o tempo aclarou pelas oito horas: a chuva tinha profundado de tal modo a terra que a gente se enterrava até ao joelho. Comtudo, Napoleão reconheceu toda a linha ingleza, e expediu as suas ordens aos diversos commandantes para batalha.

Tudo se poz em movimento. O projecto de Napoleão era de penetrar o centro do exercito inglez, de o attrahir a terreno conveniente e quando chegasse ao desfiladeiro do bosque, cortar a retirada da esquerda e da direita. O completo exito deste ataque devia produzir a destruição do exercito inglez, e em todos os casos, separal-o completamente do exercito prussiano.

Pelas onze horas, o general Reille principiou o fogo de artilharia para expulsar os Inglezes do bosque de Hougoumont; a acção tornou-se bem depressa muito calorosa neste ponto. A divisão do principe Jeronymo se apoderou do bosque, do qual foi expulsa: realisou um novo e vigoroso ataque para novamente ficar senhor delle, mas os Inglezes se conservaram no castello que está no meio. Napoleão mandou marchar uma bateria de obuzes, que lançou fogo ao castello.

Neste momento, descobriu-se ao longe, sobre a direita, uma divisão de cinco a seis mil homens, que se soube ser a vanguarda do corpo prussiano de Bulow.

Expediu-se novamente um official ao marechal Grouchy, para o instruir deste acontecimento, e fazer-lhe accelerar a sua marcha sobre a esquerda do inimigo. Mas como Grouchy podia tardar a chegar, mandaram-se trinta mil cavallos, debaixo das ordens do general Dumont, ao encontro da vanguarda prussiana.

Tomadas estas precauções, ordenou o imperador ao marechal Ney começasse o ataque projectado contra a Haie-Sancta, apoio do centro dos Inglezes. As tropas francezas estavam cheias de entusiasmo, e as aclamações de alegria eram taes, que embaraçavam se ouvissem as vozes de commando: tudo se devia esperar destes setenta mil guerreiros, cuja dedicação ao chefe que os conduzia não tinha limites. Depois de Napoleão haver percorrido toda a linha, foi collocar-se sobre uma eminencia, junto da herdade de Bella-Alliança, onde tinha todas as reservas á mão.

Ao meio dia, oitenta peças de artilharia principiaram o fogo. No fim de meia hora, as baterias oppostas se afastaram; os atiradores inglezes evacuaram o fundo da cortina. As suas massas fôram dispostas na retaguarda das cristas para se abrigarem. A infantaria franceza marchou para a frente. Notou-se então grande movimento no caminho de Bruxellas, todos os carros e bagagens da direita e da esquerda, afastados da estrada, corriam áquelle ponto vendo aproximar-se d'elles o fogo.

Comtudo a linha inimiga conservou-se immo-

vel, e a cavallaria fez com bom exito repetidas cargas sobre o flanco esquerdo do primeiro corpo francez: quinze peças de artilharia, que se haviam dirigido para a frente, fôram derrubadas em um caminho escabroso; mas os couraceiros do general Milhaud, tendo então marchado contra a cavallaria ingleza, a passaram á espada.

Tendo se manifestado alguma desordem na direita dos Francezes, Napoleão correu ao galope com a cavallaria da guarda, e restabeleceu logo os negocios neste ponto. Proseguiu com furor o fogo da artilharia, e um novo ataque sobre a Haie-Sancta fez com que os Francezes ficassem senhores deste importante ponto. O mais vivo fogo se executava tambem do lado d'Hougoumont. As tres quartas partes dos bosques estavam em poder dos Francezes, cujos obuzeiros tinham lançado fogo ao castello. Era alli que se achavam as melhores tropas de Wellington; este campo de batalha estava coberto de guardas inglezas.

A's quatro horas, o general Dumont mandou prevenir o imperador que o corpo de Bulow se punha em movimento; que oito a dez mil Prussianos desfilavam do bosque de Frischnois, e que não havia noticia alguma de Grouchy. O corpo do conde de Lobau e a divisão de mancebos da guarda do general Duhesme fôram mandados para conter os Prussianos e alcançal os francamente. Ao mesmo tempo, uma divisão do primeiro corpo se dirigiu a toda a pressa sobre a extrema esquerda da linha anglo-hollandeza, apoderou-se da aldeia da Haie, e cortou por este modo toda a comunicação entre os dois exercitos inimigos.

Todas estas disposições tiveram o mais feliz exito. A's seis horas, o movimento de Bulow deixou de ser offensivo, e nada mais teve de inquietador. Mas Grouchy, cuja chegada teria podido cortar toda a retirada aos Prussianos, não apparecia: noticia alguma havia delle.

O marechal Ney, tendo-se postado na Haie-Sancta, e havendo recebido ordem de não fazer movimento algum até ao exito da manobra dos Prussianos, foi vivamente atacado pelos Inglezes; mas repelliu-os vigorosamente. Impellido por seu extremo ardor, desfilou o marechal sobre o logar que julgou mais a proposito, o qual foi immediatamente coroado pelos couraceiros de Milhaud, e pela cavallaria ligeira da guarda.

O bom exito das cargas, a retirada de alguns quadrados inglezes e a suspensão do fogo de algumas de suas baterias, deram aos Francezes a esperanza da victoria. Mas Napoleão, entendendo ser prematuro o movimento de Ney, temeu que os resultados fôssem desastrosos, e ordenou aos couraceiros de Kellermann sustentassem a cavallaria que estava sobre a planicie. O movimento de toda esta cavallaria, que marchava para a frente ao galope e aos brados de *Viva o Imperador*, conteve o inimigo, e sustentou a firmeza das tropas francezas.

A's seis horas e meia, a extrema esquerda dos Prussianos recuou em frente das tropas do conde de Lobau. A cavallaria franceza sustentava-se sobre a planicie, apezar do vivissimo fogo a que estava exposta. Rompeu alguns quadrados, derubou baterias, e tomou tres bandeiras. Reinava o espanto e o terror em toda a linha inimiga: os fugitivos demandavam já Bruxellas: toda a retirada em ordem se tornava impossivel, e o exercito ia a ficar perdido. Deste modo, setenta e cinco mil Francezes abateram cento e quinze mil Inglezes, Hollandezes, Prussianos, etc.

A's sete horas se ouviu emfim o fogo da artilharia do marechal Grouchy; que se julgou a duas leguas sobre a direita. Napoleão entendeu que estava chegado o momento de dar o ataque decisivo, e de terminar a acção. Chamou para este fim todas as tropas destacadas em Planchenoit. Mas ao mesmo tempo, o exercito inimigo foi prevenido da chegada do marechal Blucher, e do primeiro corpo prussiano. Não era este o unico reforço; duas brigadas inglezas acabavam tambem de entrar em linha.

Estas noticias reanimaram a moral do exercito anglo-hollandez; ganhou novo valor e tomou a sua posição.

Em tão criticas circumstancias para os Francezes, tres batalhões da direita se puzeram em retirada. A cavallaria do terraplano, descobrindo o corpo de Blucher que chegava na altura da aldeia de Haye, e as duas brigadas inglezas de reserva, temeu ser cortada, e fez um movimento retrogrado. Napoleão appareceu logo com quatro batalhões, sobre a esquerda de la Haie-Sancta; encontrou uma parte das tropas de Ney, e lhe mandou dizer, para reanimar a moral dos soldados, que Grouchy estava a chegar. Ney caminhou para o terraplano com os quatro batalhões da guarda, o que produziu um tão bom effeito, que

tudo suspendeu a marcha e voltou para a posição do terraplano. O general Reille, do seu lado, reuniu todo o seu corpo junto a Hougoumont, atravessou o caminho escabroso e chegou á posição inimiga. Tudo ia bem no terraplano; esperava-se que á chegada da velha guarda, os Francezes teriam por seu todo o campo de batalha.

Eram perto de oito horas, quando um grito de terror se ouviu do lado direito. Blucher tinha chegado em força á aldeia de La Haye, e a occupou immediatamente. Deste modo se estava separado do corpo de Lobau; e posto que não houvesse motivo de desesperar, e que a extremidade da direita pudesse ainda reunir-se na retaguarda da guarda, derramou-se a desordem em toda a linha franceza, logo que se viram as duas brigadas inglezas penetrarem entre la Haie Sancta e o corpo de Reille. Estes tres mil homens de cavallaria embarçaram qualquer reunião. Em vão os quatro esquadrões de serviço junto de Napoleão carregaram as duas brigadas inglezas; eram em muito pequeno numero; a divisão da cavallaria de reserva da guarda achando-se em luta sobre o terraplano, não pôde sustentar os esquadrões de serviço. Não houve então meio algum de reunir as tropas, e a confusão augmentou á vista dos esquadrões derrotados. Tudo quanto estava no terraplano se poz precipitadamente em fuga. Escapou a victoria das mãos dos Francezes» (*Historia de França*, d'Anquetil, traduzida do francez, tomo 12.º, Lisboa, 1850.)

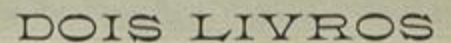
Foi no meio desta hecatombe tremenda que o celebre Cambonne, intimado a depôr as armas e a entregar-se, respondeu, não: *A guarda morre e não se rende*, «mais, servindo-me da propria linguagem de Alexandre Dumas (*Impressions de Voyage—Excursions sur les bords du Rhin*, nouvelle edition, Paris, 1878) um seul mot de corps de garde, craché au visage du parlementaire; mot de moins bon goût peut être, mais bien autrement soldatesque et énergique:»...

Na obra citada, refere, o que foi incomparavel romancista da sua epoca, haver visto o famoso vencido em Waterloo, passando em Villers Coterets, de regresso da funebre peléja, accrescentando esta nota de profunda physio-psychologia, que eu vou traduzir livremente: «nem sequer uma ruga do rosto lhe mudara; nem uma unica feição alterada, indicando que o jogador sublime acabava de jogar o mundo e o perdêra...»

Onde parariam as liberdades publicas na Europa, sem aquelle occaso da estrella militar de Napoleão?!

Não sei dizê-lo, nem posso avental o, mas era fatal que á desproporcionada e insaciavel arrogancia da força, fôssem um dia obstaculo irreductivel a voz consciante do direito, e em Waterloo, triumphou o direito sem contestação arazoada.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

DOIS LIVROS

DE

Paulo Mantegazza

Ha seguramente dois mezes — se não mais — que temos sobre a nossa banca de trabalho os exemplares que, de *Arte de ser feliz* e *Psychologia feminina*, nos enviaram os srs. Santos & Vieira, socios-proprietarios da *Empresa Litteraria Fluminense*. Esses dois livros constituídos por duas obras primorosamente trabalhadas por esse invulgar psychologo Paulo Mantegazza, que a morte ha pouco tempo arrebatou, mas que a posteridade saberá respeitar como um dos homens mais notaveis da Italia contemporanea.

Arte de ser feliz, é como que um compendio ou catecismo de educação civica, moral e evangelica, não lhe faltando maximas e conselhos. É um guia moral para se lograr a felicidade, não aquella que geralmente se idealisa, devaneando ambições, mas a felicidade tranquillã e suave que é o apanagio da comprehensão e do cumprimento do nosso dever.

Escripto n'um estylo agradável que a traducção anonyma — mas que sabemos ser de Joaquim dos Anjos — não desmanchou, lê-se com gosto.

Esse cavalheiro, que é um muito intelligente compositor typographo — *double* de um litterato de merito incontestavel — encarregou-se tambem da traducção da *Psychologia feminina* que — sem desvirtuar o valor da *Arte de ser feliz*, que — como accentuámos ha pouco — tracta de assumpto mui

NECROLOGIA

Conde de Arnosó

Bernardo Pindella, foi seu nome literario com que firmou seus primeiros trabalhos, e como ha trinta annos o conhecemos na redacção desta revista, onde veio publicar suas premicias literarias, algumas das quaes reeditou no seu primeiro livro *Asulejos*.

Inteligencia acurada, desenvolvendo-a numa grande áttividade, assimilando facilmente os assuntos mais diversos.



CONDE DE ARNOSO

No dictionario *Portugal*, encontram-se estas notas a respeito do illustre estinto:

«Bernardo Pinheiro Corrêa de Mello, conde de Arnosó, fidalgo da Casa Real, capitão do estado maior de engenharia, cavaleiro da Ordem de N. S.^a da Conceição, comendador de Isabel a Católica, de Espanha; cavaleiro da Ordem de S. Maurício e S. Lazaro, de Italia; official ás ordens de el-rei D. Carlos e seu secretario particular, escritor contemporaneo, etc. Nasceu em Guimarães, a 27 de Maio de 1855. E' filho do segundo matrimonio do primeiro visconde de Pindella, João Machado Pinheiro Corrêa de Mello, fidalgo cavaleiro da Casa Real, do conselho de S. M., comendador da ordem de N. S.^a da Conceição de Vila Viçosa. Sua mãe é a sr.^a D. Eulalia Estelita de Freitas Rangel de Quadros, filha de Antonio Moreira Lopes Machado, opulento negociante e de sua mulher, D. Maria Emilia de Freitas de Mello e Castro Rangel de Quadros.»

Na sua folha de serviços contam se as seguintes comissões: Em 1887 acompanhou a Pekin o sr. Thomaz Rosa na qualidade de seu secretario, na missão diplomatica de celebrar um tratado com a China. Acompanhou o rei D. Carlos a Inglaterra, em 1901, por ocasião do falecimento da rainha Victoria; assistiu á coroação em Londres do rei Eduardo VII, acompanhando o principe D. Luis Filipe. Tomou parte na comitiva real, na viagem de D. Carlos aos Açores, em junho de 1901.

Deixou os seguintes livros: *Jornadas pelo mundo*, notas da viagem a Pekin; *Azulejos*, impressões da sua vida de estudante em Coimbra; *De braço dado*, escrito de parceria com o sr. conde de Sabugosa. Colaborou na publicação portuense *Arte e a Natureza*. Para o teatro escreveu uma comedia, *A primeira nuvem* e o *Suave Milagre*, de collaboração com Alberto de Oliveira, e que foi representado no teatro de D. Maria em 1901, publicado pelo editor Ferin, em estimada edição ilustrada.

Era o conde de Arnosó grande amigo de Eça de Queiroz e o que mais se empenhou para a ereção do seu monumento em Lisboa, obra prima de Teixeira Lopes.

Foi tambem dedicado amigo do rei D. Carlos e essa dedicacão a provou mesmo depois da morte daquelle monarcha, pugnando quanto pode, na camara alta, de que era membro, pelo descobrimento e punição dos autores do atentado. Crêmos até que isso influiu bastante na sua saude.

O sr. conde de Arnosó faleceu de doença cardiaca, na sua quinta de Pindella, ás oito horas da

tarde de 21 do corrente. A sua morte foi geralmente sentida e muito em especial na alta sociedade de que era um dos mais distintos ornamentos. Do estrangeiro foram recebidos muitos telegramas de pesames, incluindo os da familia real destronada.

Francisco da Fonseca Benevides

Temos tambem, infelizmente, que registrar nesta secção lutuosa a morte de um illustre homem de ciencia, Francisco da Fonseca Benevides, ocorrida no dia 19 deste mez.

E' uma deploravel perda, porque no nosso pequeno meio científico, poucos egualavam o valor de Fonseca Benevides, no profundo conhecimento das ciencias que professava e na operosidade do seu espirito.

Foi elle o primeiro que imprimiu em português um tratado de fisica para as escolas superiores, reeditado depois em sucessivas edições, a par do desenvolvimento desta ciencia.

O arrojio que essa obra representou, na época em que foi empreendida — 1865 — só o póde avaliar quem a ella assistiu e está escrevendo estas linhas. A obra levou quatro annos a fazer na Imprensa Nacional, unico estabelecimento que, ao tempo, estava habilitado a desempenhal-a, e meteu umas mil gravuras todas feitas expressamente por quem o está escrevendo.

O Tratado de Fisica, foi o inicio das mais obras que se seguiram do mesmo autor e que se acham mencionadas nas seguintes notas biograficas do illustre professor:

Francisco da Fonseca Benevides era lente de fisica e dirétor do Instituto Industrial de Lisboa, lente jubilado da Escola Naval, comendador das Ordens de Cristo e de S. Tiago, cavaleiro da de S. Lazaro de Italia, socio correspondente da Academia Real das Ciencias, da Academia Real de Histeria de Madrid, etc.



FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES

Nasceu em Lisboa a 28 de janeiro de 1835 e era filho do sr. dr. Ignacio Antonio da Fonseca Benevides. Em 1851 entrou no serviço da marinha como aspirante e concluidos os cursos do liceu e da Escola Politecnica, seguiu e completou tambem o da Escola Naval em 1853, fazendo algumas viagens a bordo de navios de guerra, até dar baixa do serviço efetivo da armada em 1856. Apresentou-se depois como candidato no concurso de lente da cadeira de fisica do Instituto Industrial de Lisboa, para a qual foi nomeado em 1854. Tambem por concurso obteve a nomeação de lente substituto de mecanica e artilharia na Escola Naval, passando a proprietario desta ultima cadeira em 1865. Atualmente era lente jubilado de hidrografia na referida Escola. O sr. Fonseca Benevides tinha a graduacão de capitão tenente da armada, e foi agraciado com o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo, em 1862, e com o de comendador em 1867. Era tambem cavaleiro de S. Tiago e socio correspondente da Academia Real das Ciencias desde 1866. Foi nomeado pelo governo membro das comissões encarregadas de estudar as exposições internacional do Porto em 1865, e universal de Paris em 1867, e deve-se-lhe a organisação do museu tecnologico do Instituto Industrial de Lisboa. Publicou as seguintes obras: *Curso de artilharia da Escola Na-*

diferente — embora superior a esse — é um volume constituido por estudos ácerca de: *A Proletaria*, *A Burguezia* e *A Aristocrata*.

Os capitulos que tractam de *Uma vendedeira de amor* e *Duas virgens modelos*, são magnificos.

Os outros são tambem interessantes; aquelles, porém, são primorosos e — apezar de um pouco livres na exposicão de factos — não podem ser tidos na conta de licenciosos, pois que livros de sciencia não devem ser considerados como tal e a *Psychologia feminina* póde — sem desdouro algum — ser enfileirado n'esse genero de livros. Em summa é um livro de grande alcance sociologico, visto tractar do estudo da mulher na sociedade moderna, e que por essa circumstancia tem jus a ser lido por todos quantos se interessam pelos grandes problemas sociaes.

A traducção é — consoante apontámos — correcta, nem outra cousa era de esperar do sr. Joaquim dos Anjos.

Esta noticia — embora pequena — estava para ser escripta e, conseguintemente, publicada antes de 5 de Outubro, mas a realisacão do Ideal a que o signatario das presentes linhas ha muito aspirava, e a vida algo apensunada do mesmo foram o motivo por que só agora a escrevemos, pedindo aos srs. Santos & Vieira — que tão amáveis têm sido sempre para connosco, quer honrando-nos com a sua boa amisade, quer distinguindo-nos não se esquecendo d'este tri-mensario com a remessa de um exemplar de todos os livros que editam, não contando o exemplar que particularmente enviam ao noticiario que estas linhas firma — pedindo aos srs. Santos & Vieira — repetimos — que nos desculpem a demora havida no cumprimento de um dever.

Agradecendo a amabilissima deferencia para com o OCCIDENTE e o modesto signatario d'esta noticia, findamos dizendo que: *Arte de ser feliz* e *Psychologia feminina*, são dois livros que todos devem adquirir e lêr, pois que decerto não darão por desperdicado o dinheiro que dispenderem na sua acquisição, nem por perdido o tempo que empregarem com a sua leitura.

XXVI — X — CMX.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

P. S — A noticia que acima se leu estava para ser publicada poucos dias depois da data — 26 de outubro de 1910 — em que foi escripto; O OCCIDENTE, porém, do nosso querido amigo Caetano Alberto, teve tantos assumptos de que tractar que não foi possivel publicál-a mais cedo, e por essa circumstancia aproveitamos o ensejo para em *post-scriptum* nos referirmos ao excellent livro — *Uma pagina de amor*, que traz um magnifico retrato de Paulo Mantegazza, e cuja offerta agradecemos aos srs. Santos & Vieira.

Uma pagina de amor — (*Um dia na Madeira*) — é um precioso livro tractando um assumpto curioso e interessantissimo em que, sob o pretexto do amor de duas sympathicas creaturas inxto do amor de duas sympathicas creaturas inxto glizas, nos diz maravilhas da nossa formosa ilha da Madeira, a que Pinheiro Chagas, n'uma linda imagem, chama *um pedaço de terra da patria, que fluctua, como um cesto de flores, nas ondas do Oceano*, phrase de que o sr. Henrique Braga se serviu para o magnifico estudo sobre a Madeira que acompanha a esplendida traducção tão carinhosa e cuidadosamente feita de *Uma pagina de amor*, livro publicado em 1864, na sua primeira edição, e que — apezar de ter vinte e quatro edições — não tinha sido refundida na parte monografica, motivo porque — com todos os louvores que lhe competem pela conscienciosa tarefa produzida — o sr. Henrique Braga acrescentou e refundiu nas notas A e B, constituídas por: *Breve noticia sobre a ilha da Madeira* e *O clima da Madeira*. A nota C é interessantissima pelo assumpto: *Bibliographia da Madeira*.

O romance — escripto em cartas, quasi sem dialogo — é um encanto, sendo um motivo para Paulo Mantegazza fazer umas referencias amabilissimas e indubitavelmente justas á Madeira:

... *Passei tres vezes deante da Madeira, e sempre ouvi irromper do peito dos viajantes mais vulgares um grito de alma que dizia: porque não tenho eu uma casita n'este paraíso?*

A traducção é correctissima e, embora o não fosse, tinha aquellas tres notas finaes que são um magnifico trabalho monografico, estatistico e bibliographico.

A leitura d'esse primoroso livro suggere nos o desejo de visitar esse lindo rincão do nosso querido Portugal.

Com os nossos agradecimentos aos srs. Santos & Vieira fechamos esta noticia que é longa e que até tem *post-scriptum* como as cartas.

XXVI — V — CMXI.

H. M. JUNIOR.

val: descrição do material de guerra, Lisboa, 1858; folheto litografado com 4 estampas; *Curso elementar de Física, contendo algumas noções de mecânica, e aplicações científicas e industriais*, Lisboa, 1863; 2 tomos com gravuras intercaladas no texto e duas estampas coloridas; *O fogo: obra científica e literaria*, Lisboa, 1866; outra edição em 1869, sendo esta de luxo com 40 gravuras intercaladas no texto; este livro é a reunião dos artigos que, sob o mesmo título, apareceram publicados no tomo VIII do *Arquivo pitoresco*; *Tratado elementar de electricidade e magnetismo, contendo numerosas aplicações de ciencias, arte e industria*, Lisboa, 1868; ilustrado com 240 gravuras; *Princípios de optica e suas applicações aos instrumentos, aos faroes, á fotografia, aos efeitos teatraes, etc.*, Lisboa, 1868; ilustrado com 176 gravuras e uma estampa colorida; *Tabelas, regras, dados praticos e instruções para uso de engenheiros, condutores de trabalhos, construtores e em geral de industriaes*, Lisboa, 1868; *Relatorio sobre a exposição universal de Paris em 1867*; *Instrumentos de fisica e maquinas de vapor*; com ilustrações do texto e 8 gravuras tiradas em separado, Lisboa, 1867; impresso por conta do ministerio das obras publicas; *Noções de fisica moderna com numerosas applicações*, Lisboa, 1870; ilustrado com perto de 300 gravuras; compendio que conta varias edições, abrangendo os mais recentes progressos da sciencia. *Descrição de um novo aparelho para a demonstração das propriedades fisicas dos vapores*; inserto no *Jornal das Ciencias Matematicas e Fisicas*, publicado sob os auspícios da Academia Real das Ciencias, no numero 7, agosto de 1869; este aparelho, como outros inventados pelo mesmo professor, é denominado de *Benevides*, e acha-se descrito em varias publicações estrangeiras, taes como *O Cosmos*, de Paris, de 4 de dezembro de 1869; *Annales de Chimie et de Physique*, de Paris, junho de 1870; *Eco de las Ciencias*, de Madrid, de 20 de fevereiro de 1870, etc.; *A Musica*: memoria historico descriptiva, em 6 capitulos, inserta no *Arquivo pitoresco*, vol. IX, 1866; *Elementos de balística*, Lisboa, 1872, com 72 gravuras intercaladas no texto; 2.^a edição, em 1882, com 117 gravuras tambem intercaladas no texto; é um compendio elementar, destinado especialmente ao estudo dos alumnos da Escola Naval; *Memoria sob o poder illuminante de algumas substancias*, Lisboa, 1874; *Rainhas de Portugal*, 2 volumes, 1878 e 1879. Colaborou tambem no *Jornal do Comercio*, *Revista*

Militar, *Occidente*, etc. *O Real Teatro de S. Carlos de Lisboa, estudo historico*. É a historia deste teatro desde a sua fundação, com muitos retratos, cromos e outras illustrações; livro muito curioso que se publicou em 1883; em 1902 saiu uma segunda parte com o movimento do teatro até este anno. Tambem publicou em 1894 um livro com o titulo de *No tempo dos franceses*. A sua ultima obra, publicada em 1908, é *Noções geraes sobre automoveis*. Teve o ilustre professor uma vida longa bem aproveitada num constante labor, procurando sempre ser util aos estudiosos. Era dos professores mais populares entre os estudantes que tinham por elle a maior estima e consideração.

Concurso Hipico Internacional



UM SALTO ADMIRAVEL

O concurso hipico internacional, realisado de 18 a 20 do corrente, decorreu no meio do maior entusiasmo da numerosa assistencia, em que realçavam as mais elegantes e formosas damas da sociedade lisbonense. Os premios disputados com ardor, foram conferidos: *Prova de Ensaio*, ao sr. capitão André, Reis, no cavallo argentino, ALVEAR; *Prova Omnium*, ao sr. Luiz Faro, no cavallo LAMARCA; *Grande Premio de Lisboa*, ao sr. Jayme Alto Mearim, na egua CLEMATITE; *Prova Nacional*, ao sr. A. Parreira, na Egua SEKRANA; *Apresentação de cavallos ou eguas portuguezas*, ganhou o CARDIFF, do sr. Jara de Carvalho; *Percurso de caça*, ganhou o sr. J. de Oliveira, no cavallo ECLAIR.

Quantas gerações elle ensinou!

Com a morte de Fonseca Benevides perdeu o OCCIDENTE um dos seus mais valiosos colaboradores, e nós um amigo de quasi meio seculo, que muito nos considerou, que nos queria sempre a seu lado na colaboração illustrada dos seus livros.

Numa breve ausencia que fizemos de Lisboa, quiz a fatalidade que occorresse o triste desenlace da vida do venerando amigo, o que nos impediu de assistirmos ao seu funeral. Maior é nossa magua por esta falta involuntaria e della esperamos ser relevados por sua ilustre familia a quem por esta fórma apresentamos nossos sentidos pezames.

CAETANO ALBERTO.



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Capas para a encadernação dos volumes d'O OCCIDENTE

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na côr para collecções

Capa 800 réis — Capa e encadernação 1\$200 réis